

Victoria — Victoria !!

SERVIÇO TELEGRAFICO DA LINHA DO SUL.

1.º Boletim.

Onze horas e cinco minutos da tarde.

Mademoiselle Persolli, depois de entreter uma forte escaramuça com os nossos guerreiros, cahiu em poder das tropas fieis; porém (não pôde continuar esta participação por causa da cerração).

2.º Boletim.

Doas horas e sete minutos da manhã.

Continuação do boletim antecedente. — Pouco depois, mademoiselle Persolli reanimada, voltou ao combate, desenvolvendo uma tão extraordinaria coragem, que nos fez recordar a padeira d'Aljubarrota.

Foi porém inutil toda a sua valentia, porque a final, batida por todos os lados, acha-se actualmente em nosso poder e bem guardada.

Derrota de Mademoiselle Persolli.

Não ha festa, não ha dança
A que não vá o Corcunda da Esperança.
(Albano.)

Depois de recebermos os boletins que acima se leem, um nosso correspondente da Belgica enviou-nos os seguintes detalhes das acções que se deram no Alemtejo, achando-se de um lado as forças de mademoiselle Persolli, e do outro as tropas fieis aliadas.

Logo que a policia teve noticia da grande revolta no Alemtejo, a frente da qual se achava mademoiselle Persolli, deu ordem a todos os seus espiões para que se pousessem em movimento, e determinou que grandes forças marchassem para o Sul, e se entregasse o commando dellas ao Recta-Pronuncia. Assim que este habil general tomou o commando, ordenou que se formasse um grande cordão, que foi estendendo pela raia até Moçambique.

Feito isto foram militarmente occupados o pontal de Cacilhas, a Fonte da Pipa, Margueira, etc. Publicou-se um bando, prometendo mil rupias, a quem apresentasse, morta ou viva, mademoiselle Persolli. Com tão estrategica manobra era impossivel escapar-se, e foi finalmente prisioneira.

No nosso acampamento houve um rego-sijo geral. Mademoiselle Persolli foi conduzida, amarrada a uma carreta d'artilheira, por causa da ferocidade e força extraordinaria que desenvolveu na occasião de ser apprehendida. Todas as suas forças,

tanto de 1.ª como de 2.ª linha, foram desarmadas e escoltadas por valentes e esforçados militares; as munições de guerra e bagagens iam ser distribuidas pelos pobres. Mas, oh fatalidade! Mademoiselle Persolli, imitando a Cerêa, adormeceu os seus inimigos, cantando os seguintes versos da Barcarolla:

Se algum suspiro ouvires
Sou eu.... sou eu.... sou eu.

e ponde 2.ª vez evadir-se. As forças que a tinham sempre acompanhado, vendo o seu general em liberdade, e auxiliadas pelas guerrilhas d'Aviz, Pavia, e Lavre, que vieram em seu auxilio, lançaram-se de novo ao combate, poseram as tropas fieis em debandada, matando-lhes e ferindo 1672 homens, que foram para o hospital de Runa.

As auctoridades vendo-se assim ultrajadas, e reconhecendo que as forças nacionaes eram insufficientes para combater o exercito inimigo, exigiram dos nossos alliados o cumprimento dos tractados. Vieram logo 15 regimentos hespanhoes, desembarcaram 16,000 inglezes da esquadra que está actualmente em Villa Viçosa, e todas estas forças, reunidas á 7.ª divisão militar, poderam emfim apprehender novamente a fugitiva. Esta acção foi pouco sanguinolenta: morreu um inglez e um cavallo, ambos alliados.

O general Recta, que se achou no calor d'acção, fez prodigios de valor, desapparelhou 300 cavallos hespanhoes, e conduziu os cavalleiros ás costas até Badajoz.

Não posso concluir esta relação, sem lhe dizer que o Lapa se offereceu para, *desinteressadamente*, marchar já, já para Goa, a fim de cortar ao inimigo a recta-guarda com um exercito de chinas.

Mademoiselle Persolli chegou em fim a Evora, montada em um magnifico cavallo de Marengo, acompanhada de 4 guapos e peritos lanceiros. Logo que chegou foi interrogada. Perguntada como se chamava, respondeu:

Sou eu.... sou eu.... sou eu.



Diz-se que o Marcos andara ha dias, para disfarce, vestido de farda encarnada, bonet azul, etc., de companhia com 3 soldados e 4 marinheiros inglezes, visitando as igrejas de Lisboa, e á noite jogaram o sóco no largo de S. Paulo por causa de meio quartilho; foi preso por um cabo de segurança, mas que fóra logo solto, em con-

sequencia de tirar o bonet, mostrar a calva, e dizer em bom portuguez

.....
Porém sempre na frescata
Nunca me escapa função.

Prova-se como se passa em Lisboa uma bella semana, divertindo-se qualquer cidadão sem gastar vintem.



segunda feira. — Vêr as obras do gaz no Terreiro do Paço, admirar o bom gosto dos caudieiros e a sua collocação.

Terça feira. — Distração variada, e divertida, na feira da ladra. Allí se vê o janota pobre comprando fato usado; os empregados publicos vendendo

quinzenas por estar o verão acabado, e comprando botas com gaspeas e paltós usados.

Quarta feira. — As obras da Ribeira Nova, desembarque do peixe, as estrellinhas do caes do Sodré. A' noutinha o embarque dos nossos fieis alliados do protocollo, mais ou menos alegres; alguns vindo de casa do Marcos, lições de sóeo em diversos sitios da cidade.

Quinta feira. — O Museu da Historia Natural, em Jesus, Recommendamos porém todo o cuidado á sabida, por que ás vezes ha difficuldades por causa de reclamações feitas pelos empregados, que tem pretendido embellezar o Museu com alguns figurões, que alli entram. O Cadastrone já foi alli detido, e ficaria de certo ornan lo o Museu, se não declarasse, que não haveria cá fóra quem explicasse o cadastro.

Sexta feira. — Visitar o Senhor dos Passos, e vêr as obras de Santa Engracia. Ganha indulgencias, e traz o seu registo (dando 10 rs.)

Sabbado. — Ladainhas de Nossa Senhora no Loreto e outras igrejas, visitar as obras d'Ajuda, e rio d'Alcantara.

Domingo. — Missa, musica no passeio, e feira no Campo Grande (em quanto durar).

Além destes passatempos pôde o cidadão (ainda que não esteja no uso de seus direitos, por não estar recenseado) sem offender a lei repressiva da liberdade de imprensa, dividir pela semana, como lhe approuver, os seguintes passatempos: Musica ao render da guarda principal e Necessidades, ir ao banho, ir aos cemiterios dos Prazeres e Alto de S. João; Passeio de S. Pedro d'Alcantara e outros; e á noite entrada franca em todos os salões

dos theatros, subir as escadas dos camarotes, espreitar pelas gretas, e ouvir cantar e declamar, podendo, quando julgar conveniente, sair e pedir a sua senhazita, vendê-la ou aproveitá-la para si.

N. B. Esquecia-me dizer que o artigo 143, §. 27 da Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa não prohibe ao cidadão o direito de vêr acender o gaz á noitinha nas ruas de Lisboa.

Diz-se por ahí muito mal da lei das ro-lhas! Não ha despropósito maior!.. a lei está o melhor que é possível, e se vê nella a grande conveniencia com a ordem das cousas. O cão ladra — o burro zorra — a cabra faz mé-mé — o gato mia — o frango faz qui-qui-ri-qui — o gallo qu-quu-ru-cu — a galinha ca-ca-ra-cá —

e finalmente o ladrão que faz! ? mette mordança na bóca, e anda de caleche.

EXTRACTO

De uma carta particular de um empregado publico a mr. Cadastron.



Não é já possível sofrer tantas misérias e tamanha fome. De manhã fome, de tarde fome, de noite fome, sempre miséria e fome, juntando-se trabalho e responsabilidade. Cortaram-se os ordenados, augmentaram-se as decimas, determinaram-se quinzenas para o recebimento do insignificante resto, fizeram-se mil promessas, faltando-se a todas, foram

mentirosos todos os prões e certissimos todos os precalços, e V. ex.^a a fazer cada-tros!! Já me não resta para vender senão uma camisa velha, o barrete de lá com que durmo de noite, e tres cadeiras de palhinha arrombadas. Os recursos de caridade estão extinctos: só existem os de ladroeira, que não sei praticar. Se ao me-nos eu tivera a habilidade de tocar sam-phony, e o seu collega Felix me cedesse uma das suas velhas para me acompanhar com umas castanholas, talvez ainda fóra feliz, porque iria por essas ruas tocar o hymno da carta, que me deixaria bem bons vintens, mas faltando me essa habili-dade, rogo a V. ex.^a que me mande alguns cadastros para vender a peso, por que me servirão para matar a fome por algum tempo.

Sou de V. ex.^a, umilde servo
Mamede da Paixão.

EDITOR — MANOEL DE JESUS COELHO. LISBOA — 1850. Typographia de Manoel de Jesus Coelho — R. do Poço dos Negros N.º 54.



Felix